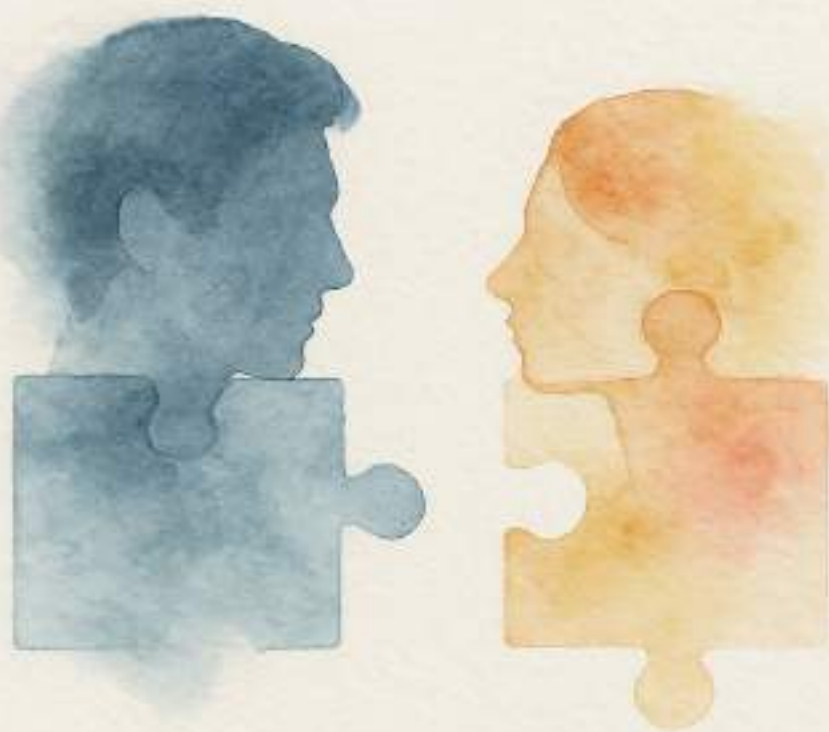




DIÁLOGOS

AUGUSTO LA FERE

ARS VERBI

DIÁLOGOS

AUGUSTO LA FERE

DIÁLOGOS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

Diálogos

© 2022 Augusto La Fere
Publicado por *Ars Verbi*TM
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988750-5-3

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

Aos dois poemas que se encontraram sem saber —
um, feito de espera;
outro, de resposta.

Entre eles, nasceu esta voz:
nem tua, nem minha,
mas a do instante que aprendeu a permanecer.

“Escrevo para saber o que sinto.”

— *Virginia Woolf*

“O que sinto, escrevendo, me escreve de volta.”

— *João Cabral de Melo Neto*

Prefácio

Duas observações se impõem antes da travessia:

A primeira é a persistência de tom. Para alguns, ela poderá soar como uniformidade; para outros, será a prova de fidelidade a um gesto único — o de fazer da palavra um espaço de intimidade e contemplação. Não há rupturas bruscas, não há guinadas para o espetacular. Há, sim, a insistência em uma mesma respiração, como quem reza ou como quem ama sem pressa.

A segunda é a ausência de um poema-âncora. Aqui, não se encontrará um texto que se destaque isoladamente como ápice ou síntese. O livro prefere brilhar como todo, como tecido contínuo em que cada fio vale menos por si do que pelo entrelaçamento. Essa escolha pode parecer arriscada, mas nasce de uma convicção: o diálogo só é diálogo quando nenhum fala mais alto que o outro.

É com essas duas chaves que este livro se abre. Que cada leitor as use a seu modo: como alerta, como guia ou como simples lembrança de que, em poesia, até o silêncio faz parte da música.

PARTE I: PRIMEIROS OLHARES



Entre duas pupilas,
um mundo ainda fechado,
pedindo nome.

Diálogo 1

— O teu nome / O teu olhar

i. O teu nome

O teu nome

O teu nome —

um eco breve

que insiste nas paredes do meu silêncio.

(Os meus dedos:

chaves sem fechadura

até te tocar.)

O teu nome —

brisa que move

a cortina da tarde.

E, quando penso esquecê-lo,

ele volta

como a água que sobe

no poço mais fundo.

ii. O teu olhar

O teu olhar
O teu olhar —
um farol aceso
no nevoeiro da minha dúvida.

(Meus passos:
pontes suspensas
até te alcançar.)

O teu olhar —
fogo que aquece
o frio da sala.

E, quando penso apagá-lo,
ele retorna
como a lua que insiste
na janela fechada.

Diálogo 2

— Primeiro passo / Resposta ao passo

i. Primeiro passo

Um passo —
e o chão se abre
em direção ao teu rastro.

(Os meus pés:
bússolas de vento
que te procuram.)

Há quem caminhe por destino.
Eu caminho por acaso,
mas o acaso é teu nome
escrito no chão molhado.

ii. Resposta ao passo

Teu passo —
e a rua se dobra
para caber na minha espera.

(Os meus pés:
rios que correm
até a tua margem.)

Há quem chegue por sorte.
Eu chego por escolha,
e a escolha é teu rosto
desenhado na esquina.

Diálogo 3

— Vento na esquina / Porta aberta

i. Vento na esquina

O vento, na esquina,
traz um perfume que não é desta rua.

(O meu corpo:
búzio encostado
na maré da tua ausência.)

A cidade parece menor
quando sei que não te encontro,
e maior
quando penso que posso.

No farol, o tempo
pára só para eu lembrar
o timbre da tua voz
entre dois carros.

ii. Porta aberta

A porta, no final da rua,
abre-se para um rosto
que não esperava ver.

(O meu corpo:
vela que se acende
no sopro do teu sorriso.)

A cidade parece maior
quando sei que te encontro,
e menor
quando penso que te perco.

No limiar, o tempo
para só para eu dizer
o teu nome
antes de entrar.

Diálogo 4

— Mapa de gestos / Rota de mãos

i. Mapa de gestos

Teus gestos —
ilhas que aprendo
a visitar devagar.

(Os meus olhos:
bússolas erradas
que gostam de errar.)

No teu riso
há um caminho secreto
entre o ombro e a janela.

E cada vez que te sigo,
o mapa se redesenha
em linhas que não quero esquecer.

ii. Rota de mãos

Minhas mãos —
barcos que se atrevem
a cruzar teus mares.

(Teus olhos:
faróis atentos
ao meu desvio.)

No teu toque
há um porto escondido
entre o silêncio e a cama.

E cada vez que te alcanço,
a rota se prolonga
em mares que não quero deixar.

Diálogo 5

— Copo de café / Gole de sol

i. Copo de café

O café esfria,
mas não o que arde
na distância entre nós.

(Os meus dedos:
colheres que mexem
palavras por dizer.)

Na vitrine, teu reflexo
passa rápido,
e eu bebo devagar
para alongar o instante.

ii. Gole de sol

O sol desce,
mas não o que brilha
na distância entre nós.

(Os meus lábios:
taças que guardam
silêncios por beber.)

Na rua, meu reflexo
te procura,
e eu fecho os olhos
para prolongar a luz.

Diálogo 6

— Janela acesa / Rua vazia

i. Janela acesa

Na noite escura,
uma janela acesa
é um farol sem mar.

(Os meus olhos:
pássaros presos
que miram o voo.)

Não sei quem habita
essa claridade,
mas guardo o brilho
como quem guarda
um nome não dito.

ii. Rua vazia

Na rua vazia,
um passo ecoa
como se chamasse.

(Os meus ouvidos:
portas abertas
para qualquer chegada.)

Não sei quem vem
pelo silêncio,
mas sigo o som
como quem segue
uma promessa acesa.

Diálogo 7

— Página em branco / Linha escrita

i. Página em branco

A página espera
como espera o dia
a primeira luz.

(Os meus dedos:
velas apagadas
sobre a mesa.)

Tudo o que quero dizer
se enrola no ar,
como fumaça
que não encontra teto.

E a página me olha
com a paciência
de um rosto
que sabe ser lido.

ii. Linha escrita

A linha avança
como avança a tarde
para dentro da janela.

(Os meus dedos:
rios sem margens
que correm livres.)

Tudo o que posso dizer
se abre no papel,
como flor
que encontra seu vaso.

E a página me acolhe
com a alegria
de um rosto
que se deixa tocar.

Diálogo 8

— Sombra ao lado / Passo ao lado

i. Sombra ao lado

Tua sombra
caminha junto
mesmo quando não estás.

(Os meus olhos:
espelhos de asfalto
que te duplicam.)

Às vezes, penso
que a cidade inventa
tua presença
para não me deixar só.

E sigo,
sem saber
se és lembrança
ou promessa.

ii. Passo ao lado

Teu passo
me encontra
mesmo quando não procuro.

(Os meus ouvidos:
janelas abertas
para o teu som.)

Às vezes, penso
que o caminho inventa
teu retorno
para não me perder.

E sigo,
certo de que és
presença
e não sombra.

Diálogo 9

— Chuva no vidro / Guarda-chuva aberto

i. Chuva no vidro

A chuva risca
o vidro da janela
com letras sem nome.

(O meu corpo:
folha em branco
sob tua ausência.)

O som preenche
os espaços que deixaste
como quem escreve
no meu silêncio.

ii. Guarda-chuva aberto

O guarda-chuva guarda
a rua molhada
dentro de suas asas.

(O meu corpo:
ponte aberta
sobre tua espera.)

O som da chuva
acompanha teus passos
até a minha porta,
como quem retorna
ao seu abrigo.

Diálogo 10

— Ponte de olhares / Travessia de voz

i. Ponte de olhares

Teu nome —
uma sílaba suspensa
entre o vento e o muro.

(Os olhos:
mapas com rotas
de lua e esquecimento.)

A vida —
um verso que se dobra
antes do ponto final.

Amor:
árvore que cresce
para dentro.

Estrelas?
Talvez só reflexos
no lago dos teus gestos.

Mar?
Ou apenas esse sal
na pele depois do abraço.

Se um dia
(o tempo for
uma porta entreaberta) —
serei o vão que te procura.
Serás o chão
que me inventa.

ii. Travessia de voz

Teu nome —
um vinho derramado
na página branca do meu dia.

(Meus olhos:
velas acesas
no teu porto noturno.)

A vida —
um verso que se escreve
com nosso alfabeto entrelaçado.

Amor:
árvore que floresce
em duas direções.

Estrelas?
São nossas pupilas
dialogando com o escuro.

Mar?

Este abraço líquido
onde ambos navegamos.

Se um dia
(o tempo vier
com suas tesouras) —
cortará só o papel, não o laço.
Seremos o nó
que ata dois fios num só traço.

PARTE II: CORPOS EM CONVERSA



O gesto aprende a falar
na língua da pele,
sem dicionário.

Diálogo 11

— Mão estendida / Mão entrelaçada

i. Mão estendida

Tua mão se abre
como uma porta
que convida à travessia.

(Os meus dedos:
chaves tímidas
na fechadura do instante.)

Não sei se aceitas,
mas deixo que o gesto
fale primeiro.

E, se não houver resposta,
ainda guardarei o calor
do espaço que ofereceste.

ii. Mão entrelaçada

Minha mão se fecha
ao redor da tua
como quem sela um pacto.

(Os meus dedos:
fios de água
que encontram o mesmo rio.)

Não sei se era o momento,
mas deixo que o toque
fale inteiro.

E, porque houve resposta,
o calor se torna chama
que não se apaga.

Diálogo 12

— Pele de manhã / Respiração da noite

i. Pele de manhã

Tua pele, ao amanhecer,
guarda a memória da noite
como brasa sob cinza.

(Os meus lábios:
aves que pousam
nas tuas margens.)

Há silêncio no quarto,
mas nele cabe
o rumor do mundo
antes do dia nascer.

E, na luz pálida,
o tempo aprende
a não ter pressa.

ii. Respiração da noite

Tua respiração, à noite,
guarda o cansaço do dia
como maré sob lua.

(Os meus ouvidos:
conchas encostadas
nas tuas ondas.)

Há silêncio na casa,
mas nele cabe
o rumor do sonho
antes da madrugada.

E, no escuro pleno,
o tempo escolhe
não ir embora.

Diálogo 13

— Sala pequena / Mundo inteiro

i. Sala pequena

A sala é pequena,
mas cresce quando ris.

(Os meus olhos:
portas abertas
para a luz do teu corpo.)

Não há paredes
que nos contenham
quando o abraço
se alarga no ar.

ii. Mundo inteiro

O mundo é inteiro,
mas cabe quando ris.

(Meus braços:
muros que se abrem
para a tua alegria.)

Não há distâncias
que nos separem
quando o abraço
fecha o mapa.

Diálogo 14

— Mar na pele / Arcia nos olhos

i. Mar na pele

O mar fica na pele
muito depois da partida.

(Meus ombros:
praias guardadas
sob o sol da memória.)

O sal é lembrança
que não se lava,
um sinal
do que ainda arde.

E, se volto ao mar,
é para ouvir de novo
o teu nome nas ondas.

ii. Areia nos olhos

A areia fica nos olhos
muito depois da partida.

(Meus cílios:
portos fechados
para o vento da ausência.)

O grão é lembrança
que não se sopra,
um sinal
do que ainda pulsa.

E, se volto à praia,
é para ver de novo
o teu rosto na água.

Diálogo 15

— Ritmo do passo / Dança do abraço

i. Ritmo do passo

Teu passo encontra o meu
como música improvisada.

(Os meus pés:
tambores surdos
no compasso do dia.)

Às vezes, tropeçamos,
mas até o tropeço
tem sua cadência.

E sigo,
mesmo sem destino,
porque o ritmo
é teu.

ii. Dança do abraço

Teu abraço envolve o meu
como coreografia aprendida.

(Meus braços:
arcos tensos
no compasso da noite.)

Às vezes, nos apertamos,
mas até o aperto
tem sua cadência.

E fico,
mesmo sem hora,
porque a dança
é tua.

Diálogo 16

— Luz no quarto / Som na cozinha

i. Luz no quarto

A luz entra pela fresta
e toca teu ombro
como quem pede licença.

(Os meus olhos:
janelas abertas
ao amanhecer.)

O dia começa
no contorno
do teu corpo.

E não importa
o que venha depois,
já é manhã.

ii. Som na cozinha

O som vem da cozinha
e encontra meu corpo
como quem traz convite.

(Os meus ouvidos:
portas abertas
ao teu cuidado.)

O dia começa
na cadência
da tua voz.

E não importa
o que venha depois,
já é casa.

Diálogo 17

— Carta escrita / Carta guardada

i. Carta escrita

Escrevo teu nome
como quem risca
o primeiro traço de um mapa.

(Os meus dedos:
rios que descem
para o teu mar.)

As palavras nascem
como sementes
em terra nova.

E, antes de enviar,
leio devagar,
sabendo que cada linha
tem tua face.

ii. Carta guardada

Guardo teu nome
como quem fecha
o último traço de um mapa.

(Os meus olhos:
portos que esperam
o teu barco.)

As palavras dormem
como sementes
à espera da chuva.

E, antes de abrir,
respiro devagar,
sabendo que cada linha
tem minha face.

Diálogo 18

— Perfume na roupa / Roupa no varal

i. Perfume na roupa

Tua roupa ficou na cadeira
com teu perfume
preso no tecido.

(O meu corpo:
terra que guarda
o cheiro da chuva.)

Visto para lembrar
e, ao lembrar,
fico.

ii. Roupa no varal

Minha roupa seca no varal
com teu perfume
solto no vento.

(Os meus olhos:
campo que guarda
o brilho da manhã.)

Recolho para lembrar
e, ao lembrar,
volto.

Diálogo 19

— Porta fechada / Porta aberta por dentro

i. Porta fechada

Bato à porta
e espero o som
do teu passo.

(Os meus ouvidos:
pontes de ar
até tua sala.)

Se não vieres,
ficarei na soleira,
entre o frio
e a lembrança.

ii. Porta aberta por dentro

Abro a porta
e espero o som
do teu riso.

(Os meus olhos:
pontes de luz
até teu rosto.)

Se não fores,
ficarei no abraço,
entre o calor
e a presença.

Diálogo 20

— Pausa no beijo / Retorno do beijo

i. Pausa no beijo

Interrompemos o beijo
como quem fecha
um livro pela metade.

(Os meus lábios:
marcas d'água
do teu sal.)

A pausa é só espera
para voltar
à mesma página.

ii. Retorno do beijo

Retomamos o beijo
como quem abre
o livro na frase exata.

(Os meus lábios:
ondas vivas
no teu mar.)

O retorno é só caminho
para ficar
na mesma história.

PARTE III: ENTRE O SIM E O NÃO



Há portas que batem
com o vento,
e outras que batem
com o coração.

Diálogo 21

— Silêncio longo / Silêncio que fala

i. Silêncio longo

O silêncio cresce
como mato entre pedras.

(Deixo o telefone:
ilha cercada
por mar de espera.)

As horas mastigam
os restos
do que não dissemos.

No fim do dia,
o quarto é só
um eco mal resolvido.

ii. Silêncio que fala

O silêncio pesa
como fruta madura
antes da queda.

(Olho a porta:
corredor de ar
até tua sombra.)

As horas fermentam
as palavras
que não trocamos.

No fim da noite,
bato à tua janela
com o que sobrou.

Diálogo 22

— Carta não enviada / Carta recebida

i. Carta não Enviada

Escrevi teu nome e o apaguei três vezes. Entre uma linha e outra, a sombra de quem hesita. Talvez não fosse o dia. Talvez fosse medo do que viria. Dobrei o papel, guardei no livro que nunca terminei.

ii. Carta Recebida

Abri o envelope como quem rasga uma ferida antiga. Entre uma linha e outra, o sopro de quem volta. Não era o dia certo, mas foi o dia que chegou. Guardei tua carta no mesmo livro que nunca terminei.

Diálogo 23

— Noite sem sono / Amanhecer contigo

i. Noite sem sono

A noite caminha
sem destino,
rua deserta no peito.

(Conto respirações:
nenhuma é tua.)

O relógio ri
de mim
com seu passo sempre igual.

O travesseiro
é território neutro
entre nós dois.

ii. Amanhecer contigo

A manhã corre
para a janela,
luz que não pergunta nada.

(Conto passos:
são teus.)

O relógio cansa
de marcar
o que já é certo.

O lençol
é território
onde escolhemos ficar.

Diálogo 24

— Chuva sem abrigo / Casa com luz

i. Chuva sem abrigo

A rua inteira
me molha
como se pedisse
que eu parasse.

(Seco as mãos
no bolso vazio.)

No céu, um trovão
me lembra
que não sei chegar.

ii. Casa com luz

A porta aberta
me seca
como se pedisse
que eu ficasse.

(Suas mãos
tiram meu casaco.)

No fogão, a chaleira
me lembra
que sempre soube.

Diálogo 25

— Rosto virado / Rosto que volta

i. Rosto virado

Teu rosto vira
antes que eu
possa chamar.

(O ar entre nós:
vidro
que não quebra.)

Digo teu nome,
mas ele cai
antes de chegar.

ii. Rosto que volta

Teu rosto volta
antes que eu
possa entender.

(O ar entre nós:
ponte
que se constrói.)

Não digo nada,
mas tu vens
mesmo assim.

Diálogo 26

— Palavra cortada / Palavra retomada

i. Palavra cortada

A frase morre
na boca,
espinho sem flor.

(Mordo o lábio:
guardo o sangue
para depois.)

O silêncio não explica,
só aumenta
o que já era grande.

ii. Palavra retomada

A frase volta
pela mão,
letra sem pressa.

(Aliso o papel:
guardo o toque
para agora.)

O som não resolve,
mas abre
o que estava fechado.

Diálogo 27

— Mão vazia / Mão oferecida

i. Mão vazia

Estendi a mão
e encontrei vento.

(O gesto:
ponte sem rio.)

Guardei no bolso
para não perder
a coragem.

ii. Mão oferecida

Entreguei a mão
e encontrei pele.

(O gesto:
rio sem margem.)

Deixei aberta
para não perder
o caminho.

Diálogo 28

— Olhar desviado / Olhar fixo

i. Olhar desviado

Tuas pupilas
escapam
antes que eu chegue.

(A sala:
campo vazio
de colheita.)

Procuro no chão
o rastro
que deixaste cair.

ii. Olhar fixo

Tuas pupilas
ficam
antes que eu fale.

(A sala:
campo cheio
de fruto.)

Encontro no ar
o rastro
que ainda brilha.

Diálogo 29

— Porta trancada / Chave na mão

i. Porta trancada

Bati e contei
três respirações
entre cada batida.

(As paredes:
muralhas frias
no verão.)

Esperei até
que meus dedos
aprendessem o nada.

ii. Chave na mão

Ceguei e girei
três vezes
até ouvir teu riso.

(As paredes:
portas abertas
no inverno.)

Entrei até
que meus olhos
aprendessem o tudo.

Diálogo 30

— Desvio na estrada / Caminho reencontrado

i. Desvio na estrada

A placa caiu,
o asfalto some,
o GPS mente.

(Ando por instinto:
o cheiro
da tua camisa.)

Sigo até
que o horizonte
me desminta.

ii. Caminho reencontrado

A placa brilha,
o asfalto volta,
o mapa sorri.

(Ando por certeza:
o toque
da tua mão.)

Sigo até
que o horizonte
me confirme.

PARTE IV: ECOS QUE FICAM



O que dissemos
ainda respira no ar:
é permanência,
não repetição.

Diálogo 31

— Inverno longo / Primavera certa

i. Inverno longo

O frio demorou
a soltar o telhado.

(Guardei lenha
mesmo sem saber
quando voltaria o sol.)

Os dias eram curtos,
mas o desejo,
não.

ii. Primavera certa

O calor chegou
sem pedir licença.

(Abri as janelas
mesmo sem saber
se ficaria.)

Os dias são longos,
e o desejo
ainda mais.

Diálogo 32

— Barco à deriva / Porto aceso

i. Barco à deriva

Remo sem rumo,
céu sem estrela.

(O meu corpo:
linha solta
no oceano.)

A bússola cala,
o vento não escolhe.

Fico à mercê
do que não vejo.

ii. Porto aceso

Farol que chama,
luz que não some.

(O meu corpo:
vela firme
no horizonte.)

A bússola canta,
o vento se entrega.

Chego inteiro
ao que me espera.

Diálogo 33

— Parede rachada / Casa reconstruída

i. Parede rachada

A rachadura cresce
como árvore invertida.

(O gesso:
pele antiga
pedindo troca.)

Cada fissura
tem tua ausência
marcada a carvão.

ii. Casa reconstruída

O reboco cobre
o que já não dói.

(O gesso:
pele nova
pedindo festa.)

Cada parede
tem teu riso
pintado a cores.

Diálogo 34

— Relógio parado / Relógio em movimento

i. Relógio parado

Os ponteiros dormem,
mas a espera,
não.

(Conto passos
que não chegam.)

O tempo decide
não atravessar.

ii. Relógio em movimento

Os ponteiros correm,
mas a pressa,
não.

(Conto risos
que já vieram.)

O tempo decide
ficar aqui.

Diálogo 35

— Flor murcha / Flor aberta

i. Flor murcha

O caule inclina
como quem pede perdão.

(As pétalas:
lenços
no chão.)

A cor resiste
mesmo sem luz.

ii. Flor aberta

O caule ergue
como quem diz sim.

(As pétalas:
bandeiras
no ar.)

A cor insiste
mesmo sem pressa.

Diálogo 36

— Ponte quebrada / Ponte refeita

i. Ponte quebrada

O rio ria
da nossa pressa.

(Minhas mãos:
tábuas soltas
na corrente.)

A margem oposta
parecia distante
como janeiro no frio.

E mesmo gritando,
não era ouvido.

ii. Ponte refeita

O rio canta
na nossa calma.

(Minhas mãos:
tábuas firmes
no caminho.)

A margem oposta
chega depressa
como junho no sol.

E mesmo em silêncio,
te encontro.

Diálogo 37

— Céu nublado / Céu limpo

i. Céu nublado

O cinza segura
o dia pelas beiradas.

(O vento:
mensageiro cansado.)

As nuvens guardam
o que ainda não pode
cair.

ii. Céu limpo

O azul entrega
o dia por inteiro.

(O vento:
bandeira acesa.)

As nuvens somem
para não roubar
a luz.

Diálogo 38

— Página rasgada / Página reescrita

i. Página rasgada

Arranquei a folha
para não ler de novo.

(Os meus dedos:
tinta seca
no pulso.)

O vento levou
metade da história,
mas a outra
ficou comigo.

ii. Página reescrita

Coloquei nova folha
para escrever de novo.

(Os meus dedos:
tinta viva
na pele.)

O vento trouxe
o resto da história,
e agora
ficou inteira.

Diálogo 39

— Porta enferrujada / Porta pintada

i. Porta enferrujada

O ferro range
como garganta doente.

(As dobradiças:
ossos velhos
pedindo trégua.)

Mesmo assim,
abre-se.

ii. Porta pintada

A tinta brilha
como boca sorrindo.

(As dobradiças:
ossos novos
cantando fácil.)

Ainda mais,
abre-se.

Diálogo 40

— Fim do dia / Começo de sempre

i. Fim do dia

O sol afunda
devagar,
sem pressa de sumir.

(Os meus olhos:
cais onde a luz
se encosta.)

O vento traz
restos de conversa
do outro lado da rua.

O dia se despede
como amigo
que sabe voltar.

ii. Começo de sempre

O sol renasce
ligeiro,
sem pressa de partir.

(Os meus olhos:
cais onde a luz
se ancora.)

O vento leva
palavras novas
para a mesma rua.

O dia começa
como amigo
que nunca se foi.

Diálogo 41

— Raiz no Inverno / Folha no Vento

i. Raiz no Inverno

Enterro-me no frio,
sabendo que a terra guarda
o que não pode morrer.

(Meus galhos:
ramos nus
à espera do verde.)

ii. Folha no Vento

Solto-me no ar,
sem perguntar
para onde o vento me leva.

(Meu cair:
dança breve
antes do chão.)

Diálogo 42

— Espelho Partido / Vidro Rfeito

i. Espelho Partido

Cacos no chão —
cada um reflete
um eu que não lembro.

(Meus pés:
sangram
o passado.)

ii. Vidro Refeito

Colo os pedaços —
agora o reflexo
é um sol nascendo
na palma da minha mão.

(Minhas mãos:
juntam
o que o tempo separou.)

Posfácio

Os poemas chegaram até aqui porque escolheram caminhar em pares. Cada um se apoiou em seu reflexo, cada silêncio encontrou resposta.

Ao fim, não importa quem falou primeiro ou quem respondeu depois: o que resta é o espaço comum que se abre entre as vozes. É nele que a permanência se constrói — não como certeza, mas como gesto repetido de quem insiste em estar.

Se estes diálogos puderem acompanhar outros encontros, terão cumprido sua travessia.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi™*, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

— Fui composto em EB Garamond — diz o poema —, fonte que nasceu do gesto paciente de Georg Duffner, herdeiro de Claude Garamont, que em Paris talhou o silêncio das letras no século XVI.

— E eu — responde a página —, fui impressa em luz, não em tinta; trago no corpo digital o rumor antigo da prensa e do sopro humano.

Entre ambos, o livro se pronuncia: nem papel, nem pixel — apenas presença.

Finalizado em outubro de 2025, sob o selo *Ars Verbi*TM, em Lapa, Paraná.

E como em todo diálogo,
não termina:
apenas muda de voz.

